

Ao pai Carlitos, o mar imenso onde navega o meu Abril, quem me contou a história de
Sodoma.

Ao Luca, que me ensinou a periferia do Teatro, logo da Vida.

DA SEIVA E DO SAL

“Ló,

não consigo sair daqui.

O quente vibrar da terra penetra nos meus pés qual brasa saltitante, invadindo as minhas veias e proliferando por todo o meu corpo. Tudo à sua passagem é prazerosamente tragado pela fúria de uma voragem que deixa atrás de si um rasto de dormência. Como ondas múltiplas que partem do centro do corpo – fortes e sustentadas – que esbatem violentamente contra a pouca resistência exercida pelas extremidades do meu corpo que clamam pela redenção própria do êxtase.

Era um touro que pesava sobre as minhas costas, cujo arfar arquitetava uma avalanche de arrepios que subiam até ao pescoço e esmoreciam atrás das minhas orelhas. A besta rasgava – ritmadamente - a minha esquelética compleição, invadindo florestas de prazer ainda virgens em mim. Mesmo que quisesse não conseguiria sair dali, pois entregara-me de livre vontade à prisão libertadora de um espaço que – em rigor – me mantinha cativa.

Mas que posso eu fazer, se a mim me explodem todos os órgãos e artérias e só é expelida terra? Sorte a minha que a noite tudo distorce, tudo dissipa no precipício do amanhecer.

A concupiscência instalada criara uma bolha impenetrável por qualquer anjo que a tentasse macular. Quando o touro me abandonou, investi toda a minha languidez na busca de ti. Depois da Terra, queria abraçar o Céu. E mais uma vez, se instalou o pânico permanente que me bloqueia o sangue e crispa o corpo. Ofereces-me somente um sorriso quebrado pelas amarras da submissão a um Céu onde eu já não tenho lugar pois, por ser filha da Terra, o Espírito me renegou. Sabia que não me irias absorver porque te recusas a viver comigo o distender do próprio amor, tão salgado quanto este mar que nos banha. O desalento do teu sorriso invade o meu estômago e, de súbito, uma cápsula de ácido se derrama, envenenando o impulso que me liberta das correntes da clausura que o Céu me (te?) impôs.

És a minha febre, Ló. Quando recebeste a autorização divina do toque, pousaste sobre mim de Espírito envergonhado e corpo morto. Não sabias o que fazer. A matéria virgem que te cabia moldar não te dava quaisquer indicações, por isso só te restava a

entrega ao instinto a que o Espírito jamais te deixara aceder. Ficaste com medo, medo de mim e de ti; mas, acima de tudo, medo de Mim em Ti. Todos os teus movimentos foram então mecanizados e um vigor bruto exerceste sobre um corpo frágil, inapto ainda a qualquer sensação forte. Entesaste-te com indecisão, pois não querias que aquele momento pusesse em causa a eternidade que tanto prezavas, em função da qual tanto te poupaste. Bafejavas sobre o meu corpo, inquieto, no esforço impaciente que clama pelo fim. Lembro as tuas ancas vacilantes no meio das minhas pernas trementes e indecisas, sem poiso. Irrompias por mim sem fogo ou mote, desbravando um solo para ti infértil de prazer, rico – porém – em obrigação. As minhas mãos procuravam no ar a Terra que não me davas, o meu corpo contorcia-se na prisão que lhe impunhas. Só me restava lamber o Sal das lágrimas que vertia. Não me deixaste outro escape.

Doeu Ló, doeu-me muito. Mortificado ficaste quando te deste conta de que apesar de todo o esforço investido, eu, sangue não sangrara. Um líquido denso, amarelado, uma gosma diabólica jorrara por entre as minhas pernas. Mas eu não sou o diabo, Ló. Sou só o que Sou.

O esperma que lançaste solidificou-se em mim qual teia espessa que pretendia impedir-me de Ser. No dia seguinte, aceitei a clausura à qual me entregaste, prometendo semear somente a submissão casta que te devotava, tecendo todos os dias a reclusão própria de quem não pode pertencer onde nasceu.

Abafaste-me.

Foi, porém, naquele momento que me comecei a transformar na pedra salgada que me ligaria para sempre à Terra que não resisti em mastigar. O desconforto dilacerante que se tornou o fel dos meus dias conduziu-me à margem de tudo aquilo a que deveria renunciar. Quase endoideci, Ló. Todo o universo se concentrava no meu peito, forças opostas revolviavam-se em turbilhão dentro de mim e eu não sabia o que fazer. Enforcavas-me todos os dias – carrasco meu - puxando cada vez com mais força a corda que direcionava o meu queixo para cima e me obrigava a ver somente um Céu que não estava em mim. Da minha boca escorria um sangue que vermelho não era e que selava para sempre a minha ligação a uma Terra que – embora tendo sido gerada em meu ventre - não me poderia ter. Foi neste momento que, desesperada, comecei a palmilhar o caminho que me conduziria até ao centro de mim, sentindo que a Terra sugava cada vez com mais fulgor os meus pés, acolhendo prazerosamente o peso do meu corpo que tu rejeitaste.

Adora-me Ló, também a mim, que ceguem em ti quaisquer projecções divinas que possas ver em mim recriadas. Isso é tudo o que não sou. Ló: Sodomiza-me, tão e somente, Sodomiza-me, para que juntos sejamos a Terra que habitamos. Parte-me ao meio se preciso for, mas deixa-me olhar para os lados e em torno de mim. Abarca tudo o que me constitui, chupa o Sal da minha língua e mói a Terra do meu corpo. Arranha a minha carne para que dela possas extrair a Seiva que serve de alimento a todas as minhas células, proveniente das raízes profundas que me cravam a esta Terra. Esfrega-a no teu como se fora água benta, entrega-te a ela com a mesma veracidade com que recebeste as palavras do anjo que seria a minha Estaca. Enterra-te em mim, escava-me com essa destreza que te constitui e que vive na periferia do que és, por teres medo dela. Desarma-te do Espírito e entrega-te à densidade da matéria, para o convocares, mais tarde e nele seres um todo absoluto. Desequilibra-te comigo, num arrepio que – de tão forte – alcançará também a expressão do imaterial que te encarcera. Vem agora, Ló. Trespasa o meu centro e pulveriza o meu Ser com a Terra densa que te recusas a assumir, puxa-me os cabelos com os dentes e faz-me Sentir. E depois podemos, por fim, morrer-nos por momentos, eu a ti, tu a mim. Na plenitude que nos constituiria, enopados no que somos.

“Que tínhamos de partir”, disseste em tom grave. Vômitos de Seiva explodiam-me do coração a cada segundo, os olhos palpitantes de Sal rodavam sobre si próprios e eu fitava somente o desfoque. Queria urgentemente descentrar-me do Céu e da Terra que se me apresentavam como únicos caminhos, a visão bidimensional em que viveras hipnotizado. E eu, Ló, por que razão tenho de excluir uma parte, de fingir a sua inexistência e de me reorganizar em função de uma redução que é irreal. Inumana. Deixa-me rodar em vertigem e abarcar tudo num só suspiro, num único trago. Negaste o meu corpo – carcaça da alma – sem nunca lhe teres tocado, cuspiste o leite com que alimentei as nossas filhas por ser salgado demais, preferência concedeste à amargueza do líquido espesso – insouso por si só – que o Espírito te oferece. Ló, eu também quero a esse Espírito a quem te prestas (prostras?), mas não só.

O tempo anulou-se para mim de tal forma que me foi concedido o tempo suficiente para contar todas as gotas de Seiva que alimentam este meu sepultar emerso. Penitência minha que me afasta permanentemente do Céu que tu és e que lateja em mim com quanta força o ar vai esculpindo o Sal que conserva o meu espírito, outrora espaço teu, que não mais preenches em mim. Explosões ensurdecedoras dilaceravam a Terra que tinha em mim, a Seiva – alimento das veias – chocalhava enraivecida num interior

que também afagava o Espírito que te tolhe. Subitamente, os meus pés foram tragados e um espasmo irreprimível tomou conta do meu corpo. Cristalizei para todo o sempre. Um sempre que, por não te incluir a ti, se chama sempre.

Espero-te.guardo em quietude inquieta o teu regresso. Sim, Ló, o teu retorno a mim (para mim?). Vem, passa pelo meu corpo e fere-o, consuma-o. Deixa-lhe uma mensagem que – ao cicatrizar – se entranhará na minha alma, passando a fazer parte dela, preenchendo-a, constituindo-a. Desenha-me um grito contido que terá leitura para o próximo passageiro que ao contrário de ti, pudor não terá em provar com a língua o Sal que me (de?)forma. Corporizemo-nos Ló.

É esta a verdadeira eternidade. Todo o universo condensado em Nós, vulnerabilizando-nos para que o outro entre e fique ao nosso alcance, perecendo-nos para nos multiplicarmos, ligando-nos. É a memória que o mundo vai inscrevendo em nós, é este o rasgo de infinidade que tanto indagaste. Eu habito o precipício da natureza que teimas em não acolher. Essa tontura do corpo que procuras curar com o remédio do Espírito,

Sabe a Sal,

é Do Sal,

sabe a Terra,

sabe a Mim,

sabe a Nós,

É Espírito.

Ló,

não consigo sair daqui.”

Maria Mercedes.

Abril 2015.